PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS

ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES

CURSO DE LETRAS – PORTUGUÊS

**RAPHAEL SOUZA SOARES**

**PRAZER EM CENA:**

**OS CORPOS EMERGIDOS NA POESIA POTENCIALMENTE PORNOGRÁFICA EM O AMOR NATURAL, DE CDA**

GOIÂNIA

2022

**RAPHAEL SOUZA SOARES**

**PRAZER EM CENA:**

**OS CORPOS EMERGIDOS NA POESIA POTENCIALMENTE PORNOGRÁFICA EM O AMOR NATURAL, DE CDA**

Monografia apresentada ao Curso de Letras da Escola de Formação de Professores e Humanidades da Pontifícia Universidade Católica de Goiás como um dos requisitos para a obtenção do grau de licenciatura plena em Letras-Português.

Orientadora: Prof.ª Dr. ª Elizete Albina Ferreira

GOIÂNIA

2022

**Banca Examinadora**

Orientadora: Professora Dr. ª Elizete Albina Ferreira

PUCGO

Leitor: Professor Dr. Paulo Antônio Vieira Júnior

Universidade Federal de Goiás

GOIÂNIA,

2022

Aos meus pais, que fizeram o possível e o impossível para a minha formação.

**AGRADECIMENTOS**

Aos meus pais, Maria Aparecida Silva Souza Soares e Valdinei Soares Wanderley, por serem meus alicerces de vida e por sempre acreditarem em mim.

Aos professores do curso de Letras da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, em especial aos professores Elizete Albina Ferreira e Paulo Antônio Vieira Júnior, por acreditarem no meu potencial na pesquisa e, mais que isso, por terem uma humanidade em questões que ultrapassam os deveres da licenciatura.

Aos meus colegas de curso, que nos momentos mais difíceis estiveram comigo para apoiar e serem apoiados.

À pesquisa e à literatura, que estão me formando como pesquisador, para que eu possa ser alicerce de futuros discentes e pesquisadores.

*Tudo depende do olhar. Os olhos não lêem, vêem.*

Jean-Marie Goulemot

**RESUMO**

Este trabalho visa investigar a relação corporal construída entre o poeta, a linguagem potencialmente pornográfica e o leitor potencialmente *voyeur*, em poemas da obra *O amor natural,* de Carlos Drummond de Andrade. Para o cumprimento do objetivo, primeiramente, abordou-se a perspectiva de Drummond como escritor de uma construção poética, que pode ser vista de múltiplas formas, dentre elas, a pornográfica. Nesta, a linguagem potencialmente pornográfica se corporifica, vinculando-se ao aparecimento do corpo do próprio poeta. Posteriormente, abordou-se a emergência de um possível leitor *voyeur*, a partir dos corpos do poeta e da linguagem. Dessa maneira, os três corpos entram em cena em um dos múltiplos olhares que se pode pesquisar na obra drummondiana. Para a realização do presente trabalho, foram alicerces autores como Jean-Marie Goulemot (2000), Eliane Robert Moraes (2004, 2013), Affonso Romano de Sant’Anna (2002), José Paulo Paes (2011), Rita de Cassia Barbosa (1987), Davi Arrigucci Jr. (2002), Dominique Maingueneau (2010).

**Palavras-chave:** Poesia pornográfica; O amor natural; Carlos Drummond de Andrade; Leitor *voyeur*.

**SUMÁRIO**

[**INTRODUÇÃO 9**](#_Toc106446940)

**1.**[**O VÍNCULO ENTRE DRUMMOND E UMA LINGUAGEM “PROIBIDA” 14**](#_Toc106446941)

**2.**[**A SOLICITAÇÃO DO OLHAR AO LEITOR *VOYEUR* 23**](#_Toc106446942)

[**CONSIDERAÇÕES FINAIS 30**](#_Toc106446943)

[**REFERÊNCIAS 31**](#_Toc106446944)

# **INTRODUÇÃO**

A obra *O amor natural* (2002), de Carlos Drummond de Andrade, abrange, a partir dos poemas, possíveis vertentes da relação amorosa e, dentre elas, há uma potencialidade pornográfica. Essa vertente da escrita, por ser associada ao termo “pornografia”, é previamente refutada por leitores de Drummond que consideram o termo baixo e vulgar para designar a alta produção literária. Nesse sentido, o próprio poeta considera a perspectiva pornográfica como uma barreira, porque, sob seu olhar, seus poemas são eróticos. Esse raciocínio do poeta faz parte de um senso comum que, numa oposição equivocada entre erotismo e pornografia, tende a compartimentar aquele como o “elevado” e esta como o “baixo”. Porém, ao ter sua construção poética exposta, Drummond não tem controle em relação aos frutos das leituras desenvolvidas, ainda mais por ser uma obra póstuma.

Tendo em vista esse “descontrole” quanto à interpretação dos poemas e, por mais que para alguns vincular a imagem do poeta à escrita pornográfica possa ser um erro, pode-se dizer que há em sua obra presença de poemas potencialmente pornográficos, construídos com uma linguagem que não é parecida com a que Drummond considera vulgar, mas que está propensa ao mesmo destino, por um leitor potencialmente *voyeur*, ou seja, que sente prazer a partir daquilo que vê, e isso coloca em cena o próprio poeta que se corporifica a partir dos poemas.

A relação entre Drummond e a palavra, em sua face inquieta[[1]](#footnote-1) conhecida pelo grande público, demonstra os conflitos vividos pelo autor com a própria palavra, em que ele escolhe a “[...] autonegação como projeto de atividade estética.” (BARBOSA, 1987, p. 53). Dessa forma, Drummond, em suas construções poéticas mais conhecidas pelos leitores, não dá corpo às palavras e, consequentemente, nega sua individualidade. Porém, como a própria Rita de Cassia Barbosa (1987) aponta, o poeta realizava seus poemas eróticos/pornográficos secretamente, escrevendo as próprias experiências voltadas à vertente erótica/pornográfica. Há um processo de maturação do poeta ao escrever poemas que versam sobre o amor. Ele permeia o campo do erotismo-amoroso, ironizando o amor vinculado aos padrões culturais e, além disso, deixa o obsceno sempre constante. Com o passar do tempo, consegue explorar bem essa vertente, colocando na cena de seus poemas suas intimidades mais profundas e, consequentemente, dando corpo e prazer às palavras.

O poema “Sem que eu pedisse, fizeste-me a graça”, traz à tona uma face do poeta que, para alguns, pode causar estranhamento, por Drummond representar a alta literatura, mas ter como tema algo que não transcende à elevação, ao espírito formal da poesia. O poema manifesta uma superação do dualismo entre amor da alma e o amor do corpo. A composição termina tratando de um tema clichê na poesia: a dor da separação amorosa. Entretanto, ele inicia com uma cena obscena de sexo oral. Isso é uma forma de dizer que o amor está no corpo, parte do corpo, depende do corpo.

Sem que eu pedisse, fizeste-me a graça

de magnificar meu membro.

Sem que eu esperasse, ficaste de joelhos

em posição devota.

O que passou não é passado morto.

Para sempre e um dia

o pênis recolhe a piedade osculante de tua boca.

Hoje não estás nem sei onde estarás,

na total impossibilidade de gesto ou comunicação.

Não te vejo não te escuto não te aperto

mas tua boca está presente, adorando.

Adorando.

Nunca pensei ter entre as coxas um deus.

(DRUMMOND, 2002, p. 33)

Davi Arrigucci Jr. observa que, independentemente da temática de sua escrita, “a articulação é uma categoria central para o entendimento do modo de ser da arte de Drummond, e como ela se associa ao ritmo, fator básico da integração de todos os elementos na unidade do todo.” (ARRIGUCCI JR., 2002, p. 125-126). A construção fonética, ao utilizar sons bilabiais (/p/, /m/, /b/), acarreta uma ideia de repetição na primeira estrofe, sons esses que potencializam o contato entre os lábios na leitura e que representam uma hipótese do contato do eu lírico com o ato sexual e a repetição de movimentos. A partir da segunda estrofe ocorre separação dos amantes. Entretanto, a separação física, a ausência, contém uma carga de presença. Ela foi embora, mas deixou nele fortes impressões, dentre elas a de que ele tem um deus entre as pernas. Isso se vincula a um culto priápico.

Semanticamente, compreender a linguagem do poema é adentrar na cena de sua imaginação, em suas intimidades. A primeira estrofe é articulada a partir de uma linha de lembrança, em que o termo “magnificar” e a expressão “posição devota” são perspectivas religiosas vinculadas a um ato sexual que ocorrera e, concomitantemente, nutrem a presença de “osculante” como perspectiva de nutrição aponta um prazer que, apesar de já ter acontecido, alimenta o imaginário de uma cena para saciedades futuras do eu lírico no contato com seu próprio órgão sexual ao lembrar do passado. No último verso, ao comparar seu órgão sexual a um deus, o que justifica a articulação de uma linguagem de cunho religioso na primeira estrofe, o sujeito demonstra uma questão recorrente na maior parte da escrita masculina dessa vertente: o caráter falocêntrico, ou seja, o prazer gira em torno do órgão sexual masculino, e a outra pessoa torna-se apenas objeto para o alcance do prazer, o que indica o porquê da comparação a algo divino.

Tendo em vista tais fenômenos, o objetivo geral do presente trabalho é investigar a relação corporal construída entre o poeta, a linguagem potencialmente pornográfica e o leitor potencialmente *voyeur*, a partir de poemas da obra *O amor natural,* de Carlos Drummond de Andrade. Para que esse objetivo seja alcançado serão analisados poemas da obra O amor natural, explorando as imagens das composições que transitam entre a problematização do erótico e o emprego de uma retórica pornográfica.

*O amor natural*, obra rica em detalhes e possibilidades de estudos, ainda precisa ser muito investigada e reconhecida no meio acadêmico por conter uma face diferente de Drummond, uma face prazerosamente inquieta e que reflete na construção poética de uma obra: “Inquietante porque nos faz pensar os limites (quais?) entre a pornografia e o erotismo. [...] enquanto alguns leitores tenderão a definir a obra como obscena, outros argumentarão que é um exercício estético do erotismo.” (SANT’ANNA, 2002, p. 78). A descrição do corpo feita pelo poeta se diferencia dos outros de sua época. Drummond enuncia uma transgressão do dualismo que ocorre entre o amor do corpo e o amor da alma. Eliane Robert Moraes (2004) aponta que o caráter transgressivo desse tipo de obra está justamente na mescla do alto padrão estético com temas considerados baixos.

As várias formas como a poesia de Drummond pode ser analisada influenciaram na escolha da pesquisa. Além disso, o tema do presente estudo foi definido pela junção de dois pontos: a relevância de Drummond para o meio acadêmico e, além disso, por um gosto pessoal pelas inquietudes do autor, que afetam o íntimo e instigam uma afinidade pessoal com as representações do erótico e do pornográfico na literatura; e no outro ponto se encontra o fato de a poesia erótica/pornográfica ser uma área de pesquisa que precisa de mais visibilidade no meio acadêmico. Assim, propor uma pesquisa com a inquietude erótica/pornográfica de Carlos Drummond de Andrade é mostrar um lado pouco conhecido do poeta em sua obra. *O amor natural*, dentre as obras do autor, menos pesquisada no meio acadêmico, possivelmente por ser uma temática que ainda causa certo receio ao ser exposta e, muito além disso, um dos motivos para a escolha dessa obra é que ela é pouco estudada por questões morais, pelo desconforto que gera nos leitores burgueses em decorrência das representações do erótico.

O referencial teórico reside sobre as obras de autores como Jean-Marie Goulemot (2000), Eliane Robert Moraes (2004, 2013), Affonso Romano de Sant’Anna (2002), José Paulo Paes (2011), Rita de Cassia Barbosa (1987), Davi Arrigucci Jr. (2002), Dominique Maingueneau (2010). Tais autores debatem os limites entre o erótico e o pornográfico na literatura, o olhar do leitor voyeur e a obra em verso de CDA.

A partir das leituras e análises dos poemas e textos teóricos, o presente trabalho é constituído por dois capítulos: o primeiro acerca da construção da linguagem potencialmente pornográfica e sua relação com o autor; o segundo acerca do olhar do leitor potencialmente *voyeur* que pode se estabelecer a partir da leitura dos poemas selecionados. A elaboração do trabalho, como pontuado anteriormente, é regida por autoras e autores que apresentam coerência com a temática. Porém, alguns deles são alicerces mais significativos. Eliane Robert Moraes (2004, 2013), tanto em seus ensaios acerca do efeito obsceno quanto em sua palestra *A pornografia[[2]](#footnote-2)*, que dimensiona a complexidade que há nesse âmbito, abordando a relação entre pornografia e erotismo, e a relação entre o leitor e os efeitos evocados pela palavra. Dominique Maingueneau (2010) aborda, entre várias questões vinculadas à pornografia, a relação dela com o leitor e a comparação entre o erotismo e a pornografia. Davi Arrigucci Jr. (2002), ao desenvolver seu texto acerca da poesia reflexiva de Drummond, demonstra o quanto o poeta estabelece um confronto com as palavras para sua construção poética, utilizando principalmente da articulação para cristalizar a multiplicidade numa singularidade.

Dessa forma, tendo como base os textos teóricos constituintes da pesquisa, a relação dos três corpos em cena – poeta, linguagem e leitor – será realizada em conjunto com a análise dos poemas “Sem que eu pedisse, fizeste-me a graça”, “Oh minha senhora ó minha senhora”, e “As mulheres gulosas”, que compõem a obra *O amor natural*, e serão alicerces na investigação da relação do corpo da linguagem e de Drummond nessa sua face desconhecida, além do efeito que esses poemas potencialmente pornográficos evocam no olhar do leitor, que está propenso a ser *voyeur.*

# **1. O VÍNCULO ENTRE DRUMMOND E UMA LINGUAGEM “PROIBIDA”**

A relação entre Carlos Drummond de Andrade, grande poeta brasileiro que faz de sua inquietude arte, e uma potencial escrita pornográfica pode ser vista pelo senso comum como um equívoco. E esse fato ocorre porque já está intrínseco nas raízes da dinâmica social uma tendência de oposição e, consequentemente, de degradação da sexualidade ou das tematizações que envolvem o corpo e seus usos.

A pornografia é desvalorizada e, no âmbito literário, colocada numa segunda prateleira, justamente por evocar com sua escrita corpos e atos sexuais de uma forma direta, sem uma linguagem poética que leve o leitor a refletir, porque seu objetivo é outro: excitar. Enquanto há essa desvalorização ao que é dito e rotulado como pornográfico, a escrita erótica tem um espaço maior para circular na sociedade justamente por tratar as relações amorosas e tudo que as cerca com uma linguagem vista como mais recatada, que recorre mais às figuras de linguagem, o que retira de si o caráter propenso à censura. Essas questões são apontadas por Eliane Robert Moraes (2004) e, além disso, a autora diz que nossa cultura teme uma vinculação entre sexo e saber, o que acarretaria um perigo, por isso muitas questões voltadas à sexualidade são mantidas como tabus. Assim, é mais simples para as normas sociais compartimentar o que pode ser falado e o que fica à margem da sociedade.

Dessa maneira, a relação entre erotismo e pornografia é constantemente discutida. Primeiramente, é preciso apontar que não há um limiar definido entre eles, a variação do que pode ser considerado pornográfico e do que é voltado ao erotismo depende de uma série de fatores contextuais, principalmente voltados ao leitor: sua perspectiva ideológica, sua referência do que é pornografia e erotismo, os discursos presentes no contexto sócio-histórico e, principalmente, acima de tudo, seu objetivo na leitura. A escrita pornográfica, como já dito, tem como objetivo a excitação do leitor. Porém, “[n]ada impede um leitor de encontrar estímulos sexuais em um texto que não vise diretamente excitar seus leitores. Com efeito, tudo depende da maneira com que esses leitores se apropriam dele.” (MAINGUENEAU, 2010, p. 17).

Não é exclusivo do senso comum o pensamento de desvalorização da pornografia frente ao erotismo. José Paulo Paes, no prefácio da obra *Poesia erótica em tradução* (2006), na qual ele faz a tradução de poemas eróticos de diversos contextos históricos, delineia uma linha temporal da poesia erótica, mas antes mesmo de abordar e pontuar a história dessa vertente poética, rebaixa a literatura pornográfica ao dizer que “[e]feitos imediatos de excitação sexual é tudo quanto, no seu comercialismo rasteiro, pretende a literatura pornográfica. Já a literatura erótica, conquanto possa eventualmente suscitar efeitos desse tipo, não tem neles a sua principal razão de ser.” (PAES, 2006, p. 15). Porém, Paes é o mesmo autor que escreve o prefácio da obra *Sonetos Luxuriosos* (2011), de Pietro Aretino, poeta que, por meio de sua escrita direta, em relação às relações amorosas com grande atuação do corpo, contribui, como aponta Eliane Robert Moraes (2013), para a realização da cultura pornográfica. Além disso, a autora explica em sua palestra intitulada *A pornografia* (2004), que Aretino dá a “certidão de nascimento” à pornografia.

Percebe-se que, até mesmo entre estudiosos, a perspectiva em relação à literatura pornográfica pode ser alterada. E o poeta que é alicerce da presente pesquisa, Carlos Drummond de Andrade, é um indivíduo que tem uma perspectiva de pornografia como uma rotulação degradante, em que a escrita fere a sensibilidade da palavra. Assim, ao ser questionado acerca da obra *O amor natural*, o poeta dizia que

São poemas eróticos, que eu tenho guardado, porque há no Brasil – não sei se no mundo -, no momento, uma onda que não é de erotismo. É de pornografia. E eu não gostaria que os meus poemas fossem rotulados de pornográficos. Pelo contrário, eles procuram dignificar, cantar o amor físico, porém sem nenhuma palavra grosseira, sem nenhum palavrão, sem nada que choque a sensibilidade do leitor. (BARRERO, Mattos[[3]](#footnote-3) apud BARBOSA, 1987, p. 08)

A concepção de erotismo, portanto, é vista pelo poeta como uma vinculação mais viável. Drummond se manteve firme na ideia de não publicar a obra, tanto que *O amor natural* é levado ao público de fato em 1992, após a morte do poeta, que ocorreu em 1987. Porém, como aponta Affonso Romano de Sant’anna (2002), Drummond experimentava, ao publicar seus poemas em revistas de direcionamento pornográfico e erótico, como a revista *Ele & Ela*, a recepção do público leitor. Dessa forma, percebe-se um certo desejo do poeta em revelar esse lado mais reservado e prazeroso, mas em sua perspectiva a vinculação ao termo “pornográfico” seria algo degradante para sua obra. Assim, a obra drummondiana se inscreve nos domínios do erotismo literário, entretanto ela se vale de uma “retórica pornográfica”.

Além do limiar indefinível entre pornografia e erotismo, há um outro aspecto que pode influenciar na perspectiva dos indivíduos em relação à análise poética: a divergência entre a escrita pornográfica e a poesia. Esta é considerada para muitos a arte do alto patamar e, consequentemente, não deve estar associada a temas “baixos” e palavras consideradas vulgares, para não degradar a qualidade estética. Além disso, a associação entre a escrita pornográfica e a poesia enfrenta obstáculos devido ao fato de que “[a] escrita pornográfica, fundamentalmente, só funciona com pleno rendimento em relatos em prosa.” (MAINGUENEAU, 2010, p. 19). Ainda seguindo raciocínio de Maingueneau (2010), é mais viável vincular a poesia ao erotismo, pois a poesia é elaborada a partir de alta carga metafórica, enquanto a pornografia estabelece uma comunicação e exposição direta da sexualidade. Essa perspectiva é fortalecida pelo erotismo ter um *status* mais aceitável, ainda mais porque o termo “erotismo” carrega um papel de belo, de uma relação amorosa abordada entrelinhas; já “pornografia” carrega um fardo do vulgar, em que a relação entre os sujeitos é direta. Erotismo é um termo que se vincula a pulsão de vida, portanto, traz uma carga mais complexa do que pornografia, termo que deriva de porné (prostituída). Eros é pulsão de vida, portanto erotismo leva em consideração a interioridade, a questão existencial, por isso Georges Bataille (2020) termina seu tratado filosófico dizendo que o erotismo é a parte problemática dos indivíduos.

O próprio Drummond carrega consigo um *status* de grande nome da literatura brasileira, o que fortalece o fato de que, para muitos, pode ser um equívoco vincular o poeta à perspectiva pornográfica. Porém, a trajetória de Drummond é marcada pelo rompimento dos padrões impostos na construção poética. Ao abordar o poema “No meio do caminho”, Davi Arrigucci Jr. afirma que ele foi

[...] a pedra de escândalo modernista que marcou a inauguração do universo poético de Drummond, pelo rebaixamento inesperado, irônico e contundente da poesia ao terra-a-terra mais trivial, mas a meditação básica e simbólica do poeta sobre o ato criador, cujo caráter problemático vem aí expresso curto e grosso como um desaforo para quem podia esperar do poético só mistério e elevação. (ARRIGUCCI JR., 2002, p. 73)

Logo, percebe-se uma tendência drummondiana que se desvincula dos padrões esperados e faz da construção poética um ato subversivo. Nesse raciocínio, a escrita potencialmente pornográfica de Drummond também seria um rompimento, por abordar um rebaixamento temático e um vocabulário diferente do que se espera de construções poéticas convencionais. Pode-se questionar o porquê de certos poemas serem aceitos, mesmo modificando a perspectiva de construção poética, e outros não serem reconhecidos no mesmo parâmetro. Levanta-se a hipótese de que essa diferença se estabelece porque o rebaixamento temático da escrita pornográfica é percebido como algo censurável, uma voz que deve ser mantida à margem e ficar numa zona tolerada, sem causar escândalo. Assim, como aborda Eliane Robert Moraes (2004) em sua palestra, o escândalo acontece quando os temas obscenos abandonam o gueto, a zona de tolerância, e se associam a expressões legitimadas como superiores.

A fala de Moraes responde não só à diferença de tratamento entre poemas produzidos por um mesmo autor, mas dá suporte para toda a discussão discorrida entre a associação da poesia e da figura de Drummond com a temática potencialmente pornográfica. Porém, a escrita drummondiana em *O amor natural* não possui a mesma potência pornográfica que os poemas de Pietro Aretino em *Sonetos Luxuriosos*, muito menos se compara às narrativas pornográficas, com um vocabulário que pode ser considerado vulgar por indivíduos mais conservadores. Consequentemente, esse limiar entre erotismo e pornografia, que normalmente já flutua numa indefinição, fica mais pulsante nos poemas de *O amor natural*.

Pode-se perceber, por exemplo, no poema “A bunda, que engraçada”, uma perspectiva mais humorada em relação ao corpo que interrompe o efeito pornográfico, pois sexo não combina com riso, há uma certa “solenidade” circunspecta em torno da excitação sexual e, consequentemente, o fim que normalmente se espera de uma literatura pornográfica. Assim, “[é] evidente que tudo o que incita a não tomar o texto a sério, ao pé da letra, afasta seu processo de leitura dos efeitos que, por definição, a narrativa licenciosa produz.” (GOULEMOT, 2000, p. 108). Goulemot dá destaque à narrativa em sua obra, mas pode-se assimilar a perspectiva apontada por ele com questões poéticas. O poema “A bunda, que engraçada” é alicerce para o objetivo do presente trabalho, sendo importante citá-lo, mesmo sem uma análise profunda, para apontar porque alguns podem ser visualizados como potencialmente pornográficos. As duas primeiras estrofes já dão uma noção de como o caráter pornográfico é anulado:

A bunda, que engraçada.

Está sempre sorrindo, nunca é trágica.

Não lhe importa o que vai

Pela frente do corpo. A bunda basta-se.

Existe algo mais? Talvez os seios.

Ora – murmura a bunda – esses garotos

Ainda lhes falta muito que estudar.

(DRUMMOND, 2002, p. 25)

Percebe-se no poema justamente o que foi apontado anteriormente: a interferência irônica tem a capacidade de retirar da construção poética algo que, para alguns leitores, poderia direcionar à excitação dos sentidos ou sexual. O humor é um traço típico de Drummond, que Arrigucci identifica como *chiste*: “a tendência ao chiste, que dá espírito à letra, pode levar literalmente o poeta a uma espécie de humor caligráfico que mexe com a tessitura mesma da palavra: esta pode ser desintegrada, reintegrada, inventada ou reinventada, deformada ou até virada de ponta-cabeça.” (ARRIGUCCI JR., 2002, p. 33).

Logo, essa mudança de olhar que o poeta traz a respeito do termo “bunda”, que geralmente é percebido como um termo para designar uma parte do corpo, concebe uma carga de humor ao poema, e que Drummond consegue por meio da articulação das palavras. Além desse tom de humor, outra interferência que retira o potencial pornográfico é o excesso metafórico, este que também é proposto por Goulemot (2000), assim como a distância irônica, e pode ser encontrado em diversos poemas da obra *O amor natural*.

A seleção de poemas potencialmente pornográficos não é um trabalho livre de questionamentos, porque até nos poemas que são alicerces da pesquisa há certas ironias e/ou metáforas, mas que, comparados aos outros, não retiram totalmente uma possibilidade de perspectiva pornográfica. Esse fator pode ser observado no poema “As mulheres gulosas”.

As mulheres gulosas

que chupam picolé

- diz um sábio que sabe –

são mulheres carentes

e o chupam lentamente

qual se vara chupassem,

e ao chupá-lo já sabem

que presto se desfaz

na falácia do gozo

o picolé fuginte

como se esfaz na mente

o imaginário pênis.

(DRUMMOND, 2002, p. 70)

Primeiramente, observa-se no poema uma metáfora superficial comparando o picolé ao pênis. Porém, essa construção metafórica não possui um excesso ao ponto de desvincular o olhar do leitor para uma tentativa de compreensão, retirando-o de um possível prazer. Entretanto, o poema também recorre ao chiste para anular o efeito obsceno. O poema “As mulheres gulosas” evidencia um olhar masculino a respeito do simples ato de as mulheres chuparem picolé, este que é comparado ao órgão genital masculino, e que, na construção poética, é nomeado “pênis” e “vara”. Termos que, para os mais conservadores, não são imaginados na poesia, muito menos sendo escritos por Drummond. Entretanto, também são termos que estão distantes do que o poeta considera vulgar e que podem ser vistos, por exemplo, na escrita de Aretino, que mesmo não sendo da mesma época, utiliza termos vistos como obscenos para diversos contextos sociais. Pode-se apontar esse fato abordando o soneto 12, presente em *Sonetos Luxuriosos.*

Mete e volta a meter o teu caralho

No cu desta que em cona não o goza

Porque esta fodedura é mais gostosa;

Praz à mulher a quem praza o caralho.

Vós podeis ver com quanto ardor batalho,

Pois em foder não há mais valorosa.

Quase toda hoje em dia é viciosa.

Que deleite encontrar de melhor talho?

Certo, meu bem, mas mexe mais depressa.

Mete o caralho atrás, ai! mexe, avante!

Que eu mexo sem parar, de amor possessa.

Oh, bela prova de um fiel amante!

Duas vezes cumprir, à pressa, à pressa,

Com ele sempre rígido e constante.

Caralho de diamante!

Posso dizer que gozo-te, alma minha,

Amor te guarde e te honre em toda linha.

(ARETINO, 2011, p. 73)

Observa-se que a escrita drummondiana opta por termos que ficam no limiar entre o socialmente aceito e o que tem tendência a ser censurado, em outras palavras, num entrelugar do que pode ser considerado erótico ou pornográfico. Retomando o poema “As mulheres gulosas”, percebe-se uma tendência do poeta à repetição do termo “chupar” em diferentes modos (chupam, chupassem, chupá-lo), como se o som evocado pela repetição representasse o próprio ato. Assim, percebe-se que não há uso profundo de metáforas no poema, justamente porque “[o] emprego da metáfora aparece, assim, como o recurso de um escritor que quer evitar “repetir detalhes monótonos”, consciente da pobreza do vocabulário das coisas do amor.” (GOULEMOT, 2000, p. 106), e é isso que Drummond estabelece: a mesma ação monótona do “chupar” o picolé na realidade equiparável ao pênis. O eu lírico de Drummond nesse poema se situa como um voyeur que erotiza o fato de mulheres chuparem picolé, ou seja, ele atribui uma conotação sexual à atividade de se alimentar, o que envolve as relações entre culinária e sexualidade. Isso pode ser tomado como um traço de autorreferencialidade, recorrente no poeta, pois assim como o olhar do eu lírico erotiza a cena, o leitor erotiza o texto a partir de suas experiências. O poema drummondiano, dessa maneira, não aponta para um desejo feminino, mas para uma fantasia masculina a partir de um evento banal. Dessa maneira, há uma imaginação masculina a partir de uma suposição que possui tendência falocêntrica, em que não é a mulher que está com desejo, mas o homem que objetifica sexualmente o que lhe convém para sua saciedade. O olhar do erotômano que erotiza uma cena banal, cotidiana.

Observa-se que a linguagem de Drummond nos poemas potencialmente pornográficos mostrados até então, “Sem que eu pedisse, fizeste-me a graça” e “As mulheres gulosas”, apresenta uma forma diferente da que normalmente se vincula à construção poética e à formulação pornográfica. A escolha do vocabulário tem uma tendência a seguir o projeto de atividade estética do poeta. Dessa forma, a autonegação, como já citado anteriormente, faz parte de um projeto de atividade estética de Drummond, em que há uma constante luta com as palavras. Consequentemente, a linguagem é afetada por esse caminho trilhado pelo poeta, em que o fazer poético não se constrói naturalmente, mas passa por “pedras no meio do caminho”, ou seja, dificuldades na relação do poeta consigo, com o mundo e com as palavras. Assim, a construção poética de Drummond não parece fluir de forma natural, “ela é sempre objeto de uma procura, o produto de um esforço incessante, da luta com as palavras [...].” (ARRIGUCCI JR., 2002, p. 53).

Seguindo as ideias de Davi Arrigucci Jr., em *Coração partido* *– uma análise da poesia reflexiva de Drummond* (2002), a construção poética do poeta é concebida em torno de um paradoxo. A reflexão que, concomitantemente, permite que a concepção dos sentimentos se exteriorize, também o leva ao coração, e neste não há um fim para o sentimento, fazendo com que a linguagem encontre um bloqueio. Dessa maneira, “[...] o que está em jogo é o desajeitamento e a fraqueza do poeta, e seu sentimento é propriamente o de não-poder do Eu.” (ARRIGUCCI JR., 2002, p. 45). Porém, a construção poética toma proporções diferentes quando direcionada ao erótico/pornográfico, porque a concepção erótica de Drummond passa a convergir com a de Bataille (2020), que considera que o erotismo se distingue da sexualidade animal por colocar em questão a interioridade do ser. Desse modo, Drummond encontra na carnalidade uma dimensão transcendental.

Segundo Rita de Cassia Barbosa, em *Poemas eróticos de Carlos Drummond de Andrade* (1987), há uma negação de materialidade de Drummond acerca da palavra que, concomitantemente, suprime o estado corpóreo do poeta. E esse caso é o oposto do que ocorre quando o poeta coloca potencialmente seu corpo e olhar acerca do que procede nas relações amorosas e manifestações de desejo, em que a palavra é desnudada, assim como o poeta, ganhando materialidade. Os poemas, “Sem que eu pedisse, fizeste-me a graça” e “As mulheres gulosas” abordam um lado drummondiano em que o prazer é potencializado, ainda mais porque “[...] Drummond, em *O amor natural*, revive poeticamente as sensações pessoais e o próprio gozo.” (BARBOSA, 1987, p. 24).

O fato de o poeta abordar suas próprias experiências, coloca-o em um lugar de *voyeur* de si mesmo, porque ao mesmo tempo em que ele é testemunha do ocorrido, como em “Sem que eu pedisse, fizeste-me a graça”, recorda de uma imagem específica e, a partir dela, seu prazer pulsa. E as sensações drummondianas, ainda mais pela presença do eu lírico, abrem as portas como num convite ao leitor para imaginar o mesmo que o poeta. No poema “As mulheres gulosas”, a construção poética é realizada a partir da imaginação do poeta, em que um gesto simples como chupar picolé é sexualizado por um terceiro, o “sábio”, que é apontado como detentor de experiência e que consegue, por meio da observação, criar a cena na mente do poeta e, consequentemente, na mente do leitor.

Dessa forma, o reconhecimento do poeta em relação a si permite que as palavras não sejam mais um obstáculo, mas um corpo do desejo, uma escrita em que “palavra pornográfica acaba subvertendo sua função abstrata de signo para ganhar um corpo próprio, que, no limite, substitui o corpo real.” (MORAES, 2013, p. 98-99). E a perspectiva de se reconhecer é um conhecimento que, partindo das ideias de Eliane Robert Moraes (2004), no âmbito da pornografia, é radical, chegando a ultrapassar as barreiras do próprio conhecimento. Além disso, segundo Moraes, é um conhecimento que só pode ser reverberado por meio da imaginação artística. Assim, a relação complexa entre Drummond e uma linguagem potencialmente pornográfica, por mais que o poeta rejeite a vinculação a tal vertente, é uma relação que permite a ambos a constituição do corpo e do prazer de formal natural. A relação entre linguagem poética e retórica pornográfica leva a obra de Drummond a subverter os valores burgueses, dentre eles a sexofobia e a divisão corpo e mente. Isso permite que o poeta desenvolva uma reflexão densa em relação ao erótico, que Bataille (2020) definiu como a parte problemática da humanidade.

**2. A SOLICITAÇÃO DO OLHAR AO LEITOR *VOYEUR***

A leitura é um ato solitário em que o leitor fica disposto a receber os efeitos que aquela ação pode provocar. Esses efeitos dependerão do contexto sócio-histórico em que o leitor se encontra, porque isso irá interferir na sua carga ideológica e, consequentemente, no impacto gerado pela leitura. Além disso, fatores que envolvem a obra, como o vocabulário e a elaboração estética, interferem em como e se ela irá persuadir o leitor.

Algumas obras literárias ficam em aberto para que o leitor possa receber efeitos durante o ato da leitura ou não. Porém, na literatura pornográfica, os efeitos já ficam estabelecidos antes mesmo de o texto chegar ao leitor, ela “tem uma finalidade fisiológica: despertar no leitor o desejo de gozar, deixá-lo em um estado de tensão e de falta do qual ele deverá se liberar por um recurso extraliterário.” (GOULEMOT, 2000, p. 149). Consequentemente, situa a obra de Drummond no entrelugar do pornográfico, pois ele se vale de imagens e de uma retórica pornográfica, através de uma estética própria da alta literatura, mas o efeito não ocorre diretamente, isto é, o processo é diferente do que se processa no contato com o pornô audiovisual ou com uma literatura estritamente pornográfica. Isso porque a excitação não é garantida, trata-se de um elemento relativo decorrente do tipo de captação do leitor.

Os poemas potencialmente pornográficos de Drummond, porém, ficam num entrelugar porque possuem um vocabulário que não se vincula a extremos, ou seja, não se vincula a palavras vistas pelo poeta como vulgares, mas também podem ser palavras vistas por alguns leitores como tendências pornográficas. Entretanto, foge ao controle de Drummond a recepção que sua escrita terá, por mais que ele não tenha publicado em determinada época por receio da vinculação à pornografia, os leitores, em suas leituras individuais, interpretarão os poemas de formas diversas. Assim, para alguns leitores

Soará meio agressivo encontrar nos seus versos palavras como “clitóris”, “vagina”, “membro”, “bunda”, “pênis”, “vulva”, “nádegas” e “ânus”. Mais do que essas palavras, pode incomodar ainda a descrição de cenas eróticas numa linguagem desnuda. Para esses o livro poderá parecer pornográfico. (SANT’ANNA, 2002, p. 77)

Percebe-se na afirmação de Sant’anna, ao abordar o vocabulário, um apontamento coerente porque exemplifica o que estava sendo discutido: por mais que Drummond tenha evitado a vinculação de sua escrita à pornografia, ele não pode controlar a recepção dos leitores. Dessa forma, por mais que ele não tenha colocado as relações amorosas e o corpo de forma tão explícita quanto outros poemas e, principalmente como nas narrativas, o fato de colocar “a coisa em si”, expressão utilizada por Eliane Robert Moraes (2013) pode o levar a ser percebido como autor de uma possível escrita pornográfica.

Além disso, percebe-se na afirmação que, inconscientemente, o autor atribui ao pornográfico um teor “baixo”, como geralmente a literatura pornográfica é vista. O “parecer pornográfico” carrega consigo a essência de algo que pode corromper a qualidade da obra. Geralmente, a questão do que é belo não passa por perspectivas estéticas, mas por um olhar moralista. Assim, a linguagem desnuda tem uma tendência a ser rebaixada frente à linguagem preenchida por metáforas e indireta, porque o que é dito passa por regras de censura do contexto sócio-histórico e, abordando a sexualidade, fica propenso à censura por ser percebido como pornográfico, enquanto o visto como aceitável e belo é indicado como erotismo. Dessa maneira,

as palavras obscenas funcionam não só como recurso expressivo, dotado de inegável poder de ênfase, mas também como deliberada violação da norma culta. O emprego do léxico imoral significava, portanto, uma recusa das restrições temáticas dos humanistas, assim como uma subversão das imposições estilísticas dos clássicos vernaculares. (MORAES, 2013, p. 93-94)

Percebe-se, então, que na escrita pornográfica a obscenidade não era um mecanismo que apenas corroborava com prazer corporificado na palavra, mas como uma transgressão a princípios estabelecidos e que regem o que deve ficar “fora de cena”, rotulado como tabu social. Porém, por mais que a literatura compartimentada como pornográfica seja marginalizada, localizada em uma zona de tolerância na sociedade, assim como tudo que se refere a uma sexualidade considerada “suja” e proibida, é consumida pelos mais diversos leitores, inclusive os que criticam sua forma de explorar o corpo e as relações amorosas. Se a leitura é um ato solitário, no âmbito de literatura pornográfica tende a ser mais, porque antes mesmo de ler o leitor já sabe o conteúdo que será abordado, ou seja, ele se coloca como suscetível a um efeito: o gozo. Assim, “o livro pornográfico condiciona e mesmo determina as condições de sua leitura, a ponto de, como já se disse, fazer tomar o imaginário pelo verdadeiro, com todas as consequências físicas produzidas por uma tal confusão.” (GOULEMOT, 2000, p. 13).

Dentre os diversos leitores que podem emergir a partir da leitura do texto pornográfico, pode-se apontar o mais suscetível a realizar o objetivo da leitura de um texto pornográfico: o leitor *voyeur*. Em resumo, é o indivíduo que sente prazer ao olhar as relações sexuais. O leitor *voyeur* se constitui a partir das imagens que a literatura pornográfica provoca. Como já apontado anteriormente, é uma linguagem desnudada, e ela consegue romper com as perspectivas elevadas do que geralmente se espera da poesia.

A partir de alguns mecanismos apontados por Goulemot (2000), é possível abordar a constituição dessa imagem, ou melhor, o quadro formado pela literatura pornográfica. Por mais que a obra dele seja direcionada à narrativa, pode-se utilizar alguns elementos essenciais para a construção do poema que contém uma retórica pornográfica e, consequentemente, auxiliam na compreensão da questão do olhar. Segundo Goulemot (2000),

a chave da narrativa erótica: a composição em quadro, uma solicitação do olhar, um chamado insistente ao amador para que ele se ponha suficientemente à distância para enxergar bem, admirar e escrutar. Assim, a narrativa erótica deve ser concebida como uma pintura que se olha indiscretamente, uma imagem furtiva, uma espécie de estranha câmara escura [...]. (GOULEMOT, 2000, p. 71)

A composição em quadro aponta o vínculo marcante da literatura pornográfica com a pintura obscena. A contribuição de Pietro Aretino com a cultura pornográfica não se estabeleceu pura e simplesmente por uma vontade do poeta, mas por uma inspiração, como indica José Paulo Paes, de Aretino pelas pinturas de Giulio Romano que, “[e]m 1524, ou quiçá um pouco antes, [...] resolve executar [...] uma série de quadros que representavam, nas palavras reprobatórias de Vasari, ‘todos os diversos modos, atitudes e posições com que os homens despudorados deitam-se com as mulheres’.” (PAES, 2011, p. 27)

Nessa perspectiva, o leitor é convidado a “olhar a escrita”, porque os corpos representados pelo texto ganham força como quadro no imaginário e, potencialmente, no corpo do próprio leitor. Dessa forma, percebe-se que a censura vinculada a textos rotulados como pornográficos não se estabelece somente pela presença de certos termos e expressões obscenos, mas porque estes têm um efeito que pode levar certos leitores a buscarem um prazer extratextual. Esse tipo de escrita mostra ao leitor que é necessário algo a mais, e ele precisa estar aberto para explorar a linguagem e a si.

Trata-se de uma “fala viva” que convoca o leitor a acompanhar cada passo da ação lúbrica, valendo-se de um processo de intensificação retórica que visa a mimetizar o ritmo crescendo do ato sexual. Trata-se, portanto, para empregarmos a justa expressão de Paes, de uma “retórica do orgasmo”. (MORAES, 2013, p. 93)

Nessa tendência de convocar o leitor, porém, se encontra a dificuldade dos poemas potencialmente pornográficos de Drummond. Como já abordado, a escrita pornográfica consegue se estabelecer de forma plena nas narrativas, porque nelas o autor consegue incitar o leitor aos poucos, solicitando seu olhar e, posteriormente, sua ação extratextual. Porém, nos poemas essa concepção não se estrutura totalmente, deixando abertas possibilidades de potencialidade pornográfica. E para dificultar ainda mais alguma interpretação, Drummond utiliza um vocabulário que descreve partes do corpo numa tendência sexual, mas que não se expande ao que o poeta considera vulgar. Possivelmente, o poema que possui mais traços que o vincule à escrita pornográfica é o “Oh minha senhora ó minha senhora”:

Oh minha senhora ó minha senhora oh não se

incomode senhora minha não faça isso eu lhe peço eu

lhe suplico por Deus nosso redentor minha senhora não

dê importância a um simples mortal vagabundo como

eu que nem mereço a glória de quanto mais de... não

não não minha senhora não me desabotoe a braguilha

não precisa também se despir o que é isso é verdadei-

ramente fora de normas e eu não estou absolutamente

preparado para semelhante emoção ou comoção sei lá

minha senhora nem sei mais o que digo eu disse algu-

ma coisa? sinto-me sem palavras sem fôlego sem sali-

va para molhar a língua e ensaiar um discurso coerente

na linha do desejo sinto-me desamparado do Divino

Espírito Santo minha senhora eu eu eu ó minha senh...

esses seios são seus ou é uma aparição e esses pêlos es-

sas nád... tanta nudez me deixa naufragado me mata

me pulveriza louvado bendito seja Deus é o fim do

mundo desabando no meu fim eu eu...

(DRUMMOND, 2002, p. 59)

Percebe-se no poema em prosa uma escrita que, por mais que tenha vestígios de metáforas, a linguagem se apresenta de forma erotizada. O eu lírico dá a impressão de se apresentar como um iniciante nas relações sexuais e, além disso, sua carga religiosa é perceptível no poema. A perspectiva do eu lírico iniciante pode ser vinculada ao esquema de iniciação de Maingueneau (2010), em que o ator, que no caso da presente análise seria o eu lírico, vai do desconhecimento até a realização completa da atividade sexual. Claro que numa proporção mais reduzida do que geralmente ocorre nas narrativas pornográficas, mas por se tratar de um poema em prosa, a força da escrita pornográfica é mais evidente, porque ela é alcançada pelo ritmo do poema. Dessa maneira, quando esquematizada na leitura, “[a] iniciação sexual tem como efeito oferecer ao leitor, simultaneamente, procedimentos de formalização e de satisfação de seus desejos, e a desculpabilização deles.” (MAINGUENEAU, 2010, p. 58). A desculpabilização no poema transcrito ocorre através dos espasmos enunciados pelo ritmo ofegante do poema, ou seja, se o eu lírico se sente culpado pela prática sexual, essa carga de culpa de certo modo é sublimada pelo prazer sexual. Tanto que o fim do poema indica, através do aspecto sonoro, espasmo, orgasmo que silencia as súplicas.

Consequentemente, a imagem sexual emerge aos olhos do leitor também a partir dos efeitos sonoros. Assim, o ritmo tem um papel fundamental na articulação realizada pelo Drummond, porque como indica Antonio Candido (2008), o ritmo funciona como um princípio organizador e, além disso, há uma sonoridade sugestiva de um prazer ofegante.

A falta de pontuação no poema aponta um movimento que vai se acelerando sem pausas, em que as reticências indicam apenas uma retomada de fôlego do eu lírico, que inicialmente nega a continuação por sua racionalidade e religiosidade, mas continua porque os prazeres do corpo causam desejo naquilo a que ele se vê proibido. Ao se questionar se disse algo e posteriormente ficar sem palavras, o eu lírico perde a racionalidade e, consequentemente, a carga religiosa que o reprimia. Logo após, essa mesma religiosidade volta, mas sob um olhar diferente: o vínculo divino se encontra quando o gozo se aproxima, como se o eu lírico transcendesse no ato carnal e visualizasse a figura divina. E, ao chegar ao ápice do prazer, o corpo da linguagem acaba, assim como o corpo do eu lírico. Dessa maneira, a experiência corpórea no poema de Drummond aponta para uma experiência também transcendental. Isso é um modo de superação do dualismo entre corpo e mente, e que fortifica ainda mais o vínculo de Drummond com Bataille (2020), este que indica que há relação entre o erótico e o sagrado.

Outro ponto importante que foi citado anteriormente, mas que não foi abordado até o momento, é a “retórica do orgasmo”, de José Paulo Paes. Segundo o autor, esse recurso auxilia no cumprimento do objetivo dos *Sonetos Luxuriosos* de Aretino: o orgasmo. E para conseguir expressá-lo, há a utilização de certos elementos, como

o registro interjectivo. [...] a interjeição se situa na fímbria do espectro da linguagem, longe da zona cognitiva ou racional; participando mais da natureza do grito, pré-linguagem, que da própria linguagem, ela exerce aquela função “emotiva” ou “expressiva” definida por Jakobson como centrada no falante e que tende “a uma expressão direta da atitude de quem fala em relação àquilo de que está falando”. (PAES, 2011, p. 39)

No poema “Oh minha senhora ó minha senhora”, há o uso de locuções interjetivas, ou seja, uso da junção de palavras para reverberar as sensações do eu lírico. O próprio título, que utiliza das primeiras palavras do poema, é marcado pelas expressões do eu lírico diante da senhora a que ele se refere. Em relação à “senhora”, há uma referência à poesia trovadoresca e à tradição lírico-amorosa, em que a senhora se situa como uma figura virginal, intocada. Drummond parodia essa tradição ao tornar a figura feminina ousada, sedutora e ativa na prática sexual. Posteriormente, ele exclama “ó minha senh...”, percebe-se que a intensidade das sensações de prazer opera em tal nível que a linguagem de desfaz, deixando o eu lírico no puro estado da pré-linguagem. Ou seja, o eu lírico chega aos espasmos finais do coito.

Dessa maneira, O poema de Drummond pode suscitar captações, sensações e interpretações díspares. Há uma informação veiculada racionalmente, mas há um recurso extratextual expresso pela sonoridade e pelo ritmo do poema. Ou seja, o poeta não diz diretamente o que ocorre na cena sexual, mas o leitor intui o que se passa a partir de aspectos formais.

# **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

De uma maneira geral, o presente trabalho abrangeu uma noção da relação corporal construída entre Carlos Drummond de Andrade, a linguagem potencialmente pornográfica e o leitor potencialmente *voyeur*. Além disso, é importante salientar que a pesquisa mostra outras possibilidades de análise acerca da obra poética utilizada como objeto de investigação. Isso se deve ao fato de a escrita drummondiana ser, concomitantemente, múltipla e uma incógnita. Assim, abordar esse amor mais carnal e pornográfico não significa rebaixar a qualidade drummondiana ou da poesia, mas mostrar uma das possibilidades de leitura que podem surgir do elemento estético.

Abordar a construção dos corpos a partir da análise de certos poemas foi crucial para a presente pesquisa, porque é um lado do poeta, da linguagem e do leitor *voyeur* pouco explorado no meio acadêmico. E, a partir dessas corporeidades potencialmente identificadas e que expõem prazer, é possível compreender essa construção poética de Carlos Drummond de Andrade, a concepção de um leitor que sente o prazer pelo “olhar”. Consequentemente, a junção desses corpos dá visibilidade a outro: a presente pesquisa. Esta que, nas entrelinhas, aponta que tudo, naturalmente, depende do olhar e de suas proporções.

# **REFERÊNCIAS**

ANDRADE, Carlos Drummond de. **O amor natural.** 10. ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.

ARETINO, Pietro. **Sonetos Luxuriosos**. Tradução de José Paulo Paes. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

ARRIGUCCI JR., Davi. **Coração partido** – uma análise da poesia reflexiva de Drummond. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

BARBOSA, Rita de Cassia. **Poemas eróticos de Carlos Drummond de Andrade.** São Paulo: Ática, 1987.

BATAILLE, Georges. **O erotismo**. Tradução de Fernando Scheibe. 2° ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

CANDIDO, Antonio. Cavalgada ambígua. In: **Na sala de aula**. 5° ed. São Paulo: Ática, 2008.

CANDIDO, Antonio. Inquietudes na poesia de Drummond. In: **Vários escritos**. 5° ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.

GOULEMOT, Jean-Marie. **Esses livros que se leem com uma só mão:** Leitura e leitores de livros pornográficos no século XVIII. Trad. Maria Aparecida Corrêa. São Paulo: Discurso Editorial, 2000.

MAINGUENEAU, Dominique. **O discurso pornográfico**. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

MORAES, Eliane Robert. O efeito obsceno. In: **Perversos, amantes e outros trágicos.** São Paulo: Iluminuras, 2013.

MORAES, Eliane Robert. A Pornografia. Youtube, 2004. Disponível em: https://youtu.be/oqasXWtpxBk. Acesso em: 04/01/2022

PAES, José Paulo (Org.). **Poesia erótica em tradução.** Tradução de José Paulo Paes. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

PAES, José Paulo. Uma retórica do orgasmo. In: ARETINO, Pietro. **Sonetos Luxuriosos**. Tradução de José Paulo Paes. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

SANT’ANNA, Affonso Romano de. O erotismo nos deixa gauche?. In: ANDRADE, Carlos Drummond de. **O amor natural.** 10. ed. Rio de Janeiro: Record, 2002, p. 75-84.

1. A noção de “inquietude”, elaborada por Antonio Candido (2011), diz respeito ao estado de espírito de um poeta que se sente inadequado em relação a si e ao mundo. [↑](#footnote-ref-1)
2. Disponível em: https://youtu.be/oqasXWtpxBk [↑](#footnote-ref-2)
3. BARRERO, Mattos. Drummond; brinquedo de amar. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 1.° set. 1985. P. 31. [↑](#footnote-ref-3)